

1. Capítulo 1: Introdução

Por incrível que possa parecer, o tema deste trabalho produziu inúmeros livros, ensaios e reflexões na área de filosofia em Portugal. Mais recentemente, em junho de 1995, em Lisboa, houve o I Colóquio Luso-Galaico sobre a saudade. O colóquio, que se realizou nos dias 2, 3 e 4, teve como abertura um texto de Afonso Botelho, organizador do livro, *Filosofia da Saudade* e famoso, pelo menos em seu país, por seu pioneirismo em estudar o assunto. A diferença é gritante com o Brasil.

Aqui, não temos nada parecido na filosofia e em outras áreas. Um país, como disse Roberto DaMatta¹, onde instituições capitais para o entendimento do Brasil como o jogo do bicho, o futebol, o carnaval, a cachaça e o cafezinho têm sido praticamente banidas da reflexão intelectual, o que dizer — pergunto eu — da categoria saudade? Se nem nossos filósofos, embora de extrema riqueza em Portugal, deram a devida importância para o debate, não possibilitando a construção de um saber sobre essa categoria, como esperar que outros estudiosos, sobretudo os sociólogos, sempre voltados e divididos entre questões práticas e teóricas — como resolver o problema do Brasil, como tornar real a nossa utopia de uma sociedade mais justa, como entender a classe operária ou as lutas camponesas — pudessem se voltar para tal assunto?

Se aqui não me proponho realizar um mapeamento completo do campo de estudos da saudade, quero pelo menos contribuir para continuar um aprofundamento teórico sobre uma característica sem dúvida capital para o entendimento da nossa identidade. Ou seja, para uma das dimensões que nos distingue como brasileiros, ajudando a definir quem e como somos.

Não há dúvida que a identidade brasileira — ou o que nos ajuda a dar sentido a nossas vidas, e que se manifesta tanto na territorialidade (espaço físico) quanto no plano cultural (espaço virtual), agrega um sem número de características particulares, variando entre dimensões populares, como o futebol e o carnaval, aos menos famosos como o jogo do bicho e — por que não? — o churrasquinho de fim de

¹ DaMatta, Roberto. Palpite inicial e arremate: os bichos são mais importantes do que os bicheiros. In: *Águias, Burros e Borboletas – um estudo antropológico do jogo do bicho*, obra conjunta com Elena Soárez. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1999.

semana. Entre esses pólos do mais óbvio e importante, ao que é menos notado temos um vasto conjunto de símbolos que comunicam para nós mesmos e, sobretudo, para os outros, o que é ser brasileiro. A saudade, sugiro, figura como um desses símbolos mais modestos ou implícitos. Não falado como o futebol e o carnaval, mas muito presente nas juras de amor, de amizade e nas trágicas ocasiões de perda e de dor.

A saudade, embora pouco falada como um dado da identidade brasileira, é um sentimento crítico para quem vive em nossa sociedade. Impossível ser brasileiro sem saber e, sobretudo, sem ter sentido saudade. Ademais, a saudade é um sentimento compartilhado entre os povos colonizados por Portugal, pois é uma particularidade herdada do fato de serem os portugueses os fundadores (ou “descobridores”, como falamos) do nosso país.

Por isso a saudade primeiramente foi inventada e sentida em Portugal, mas isso não significa que aqui e lá a saudade seja sentida da mesma maneira. Como veremos mais adiante, o modo que a saudade é sentida entre ex-metrópole e ex-colônia possui diferenças suficientes para podermos separá-las em duas categorias: saudade portuguesa e saudade brasileira. Ambas são expressão do que definiremos ao longo deste trabalho como saudade, mas com diferenças tais entre elas, que é necessário a divisão para o seu correto entendimento, mesmo que ainda possamos falar da saudade como um conceito único valendo tanto para uma “cultura portuguesa” quanto para a brasileira.

O que podemos imediatamente constatar com a nossa pesquisa, é que a saudade não se reflete só na literatura escrita, seja na poesia ou na prosa, mas também na literatura oral. Seja nos contos folclóricos, na música popular; seja na pintura; seja igualmente na propaganda, na televisão, na imprensa, no teatro, e nos guias turísticos, que fazem parte do que se convencionou chamar de “indústria cultural de massa”².

² No jornal O Globo de 6 de Junho de 2007, na pág.42, vemos uma propaganda de guias turísticos. Apenas quatro figuras compõem o anúncio, três malas e uma mulher entre elas. Do lado esquerdo tem duas malas uma menor em cima de uma maior onde se vê escrito: perfumes, livros e roupas. Do lado direito tem somente uma mala, mas o tamanho dela é quatro vezes superior a maior mala do lado esquerdo. Nela pode-se ver escrito uma única palavra: saudade.

Quando, então, se pesquisa a palavra saudade em títulos de obras escritas³ no Brasil, encontramos-na nos livros de poesia, nas obras em homenagem a alguém já falecido, nos livros infanto-juvenis ou para crianças, na literatura de cordel; nos romances, ensaios e coletânea de crônicas; nas peças, na filosofia e em algumas antologias, onde o organizador é muitas vezes jurista ou deputado. Surpreende ainda que saudade apareça igualmente em livros espíritas; mostrando que no Brasil, os mortos não só não morrem, como também sentem saudades⁴.

Acredito que toda essa presença da saudade em obras e assuntos tão variados seja suficiente para nos convencer da importância desta categoria sociológica para a nossa sociedade e para os seus membros. Dessa constatação decorre um questionamento inicial básico: se a saudade é tão importante em nosso sistema de valores, por que ela tem sido tão pouco estudada? Talvez a resposta esteja no fato da saudade estar ligada ao modo básico de nos expressarmos. Ao reconhecimento de que a saudade faz parte não apenas de nossa paisagem intelectual, mas sobretudo de nosso esqueleto emocional: da forma pela qual nos exprimimos como seres humanos que pertencem ao Brasil.

Demorou algum tempo até alguém estudar o amor de uma forma sistemática, abordando o tema racionalmente, com menos sentimento e coração⁵. Assim ocorre também com a saudade. Ela sempre esteve ao nosso lado e dentro de nós. Ora, notar algo que está a um palmo de distância é mais difícil e requer um maior esforço do pesquisador do que simplesmente levantar a cabeça e descrever coisas que estão longe; coisas que surgem gritantes aos nossos olhos. Talvez o medo de penetrar no que seria esse sentimento tão caro, tão querido e importante, constitutivo mesmo da subjetividade de um falante de língua portuguesa, crie uma interdição, um tabu. Mas que fique bem claro que o que estou propondo aqui não é estudar a saudade em si mesma. Mesmo que essa procura fosse cabível (e eu não creio nisso), proponho aqui

³ E isso não requer muito esforço nem para o estudante. Basta navegar na Internet, acessar um sítio de uma biblioteca que possui acervo digitalizado para consulta, pesquisar a palavra saudade em assunto, ou palavra-chave e ver a quantidade de obras de assunto variado que aparecem com o título saudade. Sendo a única relação entre todas essas obras uma única palavra.

⁴ Para uma análise sobre o porque dos mortos não estarem realmente mortos no Brasil, ver Roberto DaMatta, *A morte nas sociedades relacionais* in: A Casa e A Rua, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1997.

⁵ Um magnífico exemplo disso é a obra *História do Amor no Ocidente*, de Denis de Rougemont, Editora Ediouro, São Paulo.

entender o que os brasileiros, e em menor grau os portugueses, pensam sobre a saudade; como eles constroem e expressam para si e para os outros esse sentimento. O que está aqui em foco são as dimensões sociais da saudade.

Nesta altura se impõem algumas perguntas que irão nortear o trabalho: O que realmente é a saudade quando evocada pelos falantes da língua portuguesa? O que significa este termo para aparecer com toda essa importância na produção literária tanto erudita quanto popular de nosso país? Podemos definir a saudade como uma das particularidades de nossa sociedade/cultura? Como algo que nos caracteriza enquanto brasileiros?

Se pedirmos ajuda ao dicionário, começamos a encontrar algum indício de resposta a essas questões. No verbete saudade do dicionário Houaiss⁶ de língua portuguesa, por exemplo, lemos: “Saudade: sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo, afastamento de um lugar ou de uma coisa, ou à ausência de certas experiências e determinados prazeres já vividos e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável”. O verbete também dá exemplos: saudades de uma amiga, saudades de um parente falecido, saudades da Bahia, saudade de comer graviola, da praia, da pátria, dos bons tempos.

Essa definição responde cabalmente as questões levantadas acima. Aliás, ela no máximo nos auxilia numa tentativa superficial de responder a primeira questão, ou seja: o que realmente é isso que chamamos de saudade quando evocada pelo falante de língua portuguesa? Será, como nos diz o dicionário, somente um sentimento melancólico de incompletude ligado pela memória na falta de alguém ou algo? Se tomássemos essa resposta como exclusiva, nosso trabalho estaria terminado e não teríamos nenhum outro modo de respondê-la.

Mas, e quanto às outras duas questões? Essas serão respondidas com método e muita paciência, pois não quero descartar a humildade e a concisão do verbete (afinal de contas, é esta a razão de ser do dicionário), mas também não quero procurar definições racionais ou reflexivas voltadas unicamente para o que eu penso sobre o assunto. Não farei aqui filosofia ou muito menos uma psicologia da saudade

⁶ Instituto Antônio Houaiss, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.

(o que seria interessante ver-se um dia), mas estarei voltando o meu olhar para o lado coletivo da categoria. Minha perspectiva será a da coletividade preocupado com o social. Com o que está por trás dos indivíduos, embora esses mesmo indivíduos representem-se a si mesmos na sociedade contemporânea como se fossem autônomos e vivessem em mônadas reflexivas e comportamentais.

Quando o pesquisador começa a mapear os textos sobre saudade, ele observa que a definição do dicionário não revela toda a riqueza de significados cobertos pelo termo. E, pela mesma lógica, ele igualmente verifica que muitas tentativas de conceituação são deveras curiosas; e muitas outras não ajudam em nada, apenas colocando mais mistério no debate. Mas há aquelas que nos ajudam e muito a resolver certos problemas.

Deixe-me esclarecer melhor o que estou falando: Nelly de Carvalho⁷ define a saudade como palavra-síntese; já Osvaldo Orico⁸ a define como palavra viva, como um termo que dá vida a tudo que está morto; por outro lado, o poeta Humberto de Campos toma como central a resposta de uma criança ao ser perguntada sobre o que é a saudade: vontade que volte; na poesia de Olavo Bilac, entretanto, a saudade surge como “a presença dos ausentes”; o grande ensaísta católico Alceu Amoroso Lima, por sua vez, nos assegura que a saudade é a presença da ausência; enquanto Vicente de Carvalho afirma que ela é o único bem que existe nesta vida; finalmente, o poeta Gonçalves Dias chama a saudade de Rainha do passado.

Como se pode ver pelos exemplos apresentados acima, a saudade não é explicada satisfatoriamente por ninguém. Como o elefante apresentado aos cegos da lenda indiana, cada qual, inclusive o verbete do dicionário, aponta e ilumina apenas uma ou duas de suas dimensões. Num certo sentido, será preciso ser mais que um especialista no assunto ou um lingüista para definir um sentimento tão denso como a saudade. De fato, para conceituar tal categoria, temos que viajar para outros lugares. Só assim iremos esclarecer nossas questões. Mas que lugares seriam esses? É o que vou explicar a seguir.

⁷ Carvalho, Nelly de. A saudade na língua portuguesa. In: Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa, n31. Rio de Janeiro, 2006.

⁸ Orico, Osvaldo. A Saudade Brasileira. Editora S/A A Noite, Rio de Janeiro, 1948.

Vou procurar interpretar o sentido com o qual a palavra saudade aparece nas poesias, trovas e provérbios de brasileiros e em menor número de portugueses. A escolha do material objetivava esclarecer dois problemas: o primeiro era prático e tinha a ver com o fato de que, numa dissertação de mestrado, não haveria espaço necessário para se estudar a saudade entre todas as suas expressões; o segundo dizia respeito ao fato da poesia ser uma forma compacta de se expressar sentimentos, pois quando o poeta quer expressar uma idéia, ela surge em poucas palavras e estrofes. Mas compreendo também ser meu material uma armadilha, pois se abre mais para a interpretação e ao ensaio, aumentando os risco de divagações e respostas imprecisas.

Não me ative a um único período da literatura brasileira ou portuguesa, mas tentei examinar o maior número de poetas consagrados pela literatura brasileira que, num dado período de tempo, tocaram no assunto. Com isso não é minha intenção fazer uma cronologia de poetas brasileiros desde o descobrimento até os dias de hoje. Devido a questões de espaço, fui obrigado a enxugar meu material. Escolhi começar no século XIX, passando pelo XX e apenas pincelar rapidamente o XXI (e nem poderia ser de outra forma, visto que este século mal se iniciou). Dentre todos os poetas e outros materiais que me auxiliarão ao longo do trabalho, caberá a um único poeta aparecer em destaque, pois sua obra abordou um máximo de variedade nas facetas que expressam a saudade na cultura brasileira. Seu nome: Olavo Bilac.

Olavo Bilac será visto aqui como a pedra de toque, como o “mito original” do qual decorrem todos os outros. É dele que partiremos e é nele que chegaremos ao fim. Porém, se me debruço mais ao fundo na sua poesia, isso não quer dizer que meu trabalho é unicamente a expressão da saudade na obra desse poeta, o que veremos, com o auxílio de outros poetas de épocas diferentes. Mas acentuo que a forma como Bilac expressou a saudade aparece e se repete ao longo de toda a produção poética posterior a sua época, dominando-a. Entretanto, veremos igualmente que anteriormente, com Gonçalves Dias, ou até mesmo em Portugal, com Camões, a expressão da saudade, embora de muitas faces, mantém características em comum a Bilac e a produção poética tanto posterior quanto anterior a sua época. Veremos que

há um substrato de imagens e sentimentos que se repete nas muitas formas de se retratar a saudade através da produção poética, em maior grau na brasileira e menor na portuguesa.

A pergunta que tentaremos responder acerca de Bilac é a seguinte: Olavo Bilac foi brasileiro porque expressou a saudade individualmente melhor que ninguém, influenciando assim a geração poética posterior; ou ele foi brasileiro exatamente por expressar uma idéia de saudade que é de base social e não faz parte daquilo que as pessoas escolhem individualmente com mais sensibilidade? Ou seja, o tema da saudade (algo dado coletivamente) é que faz (ou escolhe) a poesia de Bilac ou é a sua poesia que, por assim dizer, “escolhe” a saudade como tema de sua obra literária? Ao fazer poesia ele, como todos nós, é impelido a escrever sobre a saudade ou se trata de uma decisão puramente individual?

Não devemos esquecer que a questão acima contém um certo posicionamento no entendimento do que é um ser social. Se a visão adotada da sociedade é contratual e individualista, foi Bilac quem inventou a temática da saudade, mas se a visão é culturalista e holista, cabe destacarmos que Bilac, como todos os outros brasileiros, são englobados pela saudade como um modo padronizado de falar da perda, da passagem do tempo e de certas relações sociais.

Como os dois lados de uma mesma moeda, só que ao invés de cara ou coroa, temos o indivíduo de um lado e o social do outro. Mas isso não significa que um lado exclui o outro, mas devemos pensar o contrário, que ambos se complementam numa totalidade inatingível somente se pensarmos com um único lado da questão.

Então por que propus uma questão que parece fragmentar esta visão da moeda? Ora, o que me importa aqui é o peso que cada lado possui na explicação de certas questões específicas. Como estou preocupado com a visão social da saudade, com a forma social que a saudade assume, desempenha e aparece em nossa sociedade, o lado da sociedade é sem dúvida alguma de maior relevância para meu trabalho. Assim acontece também com a moeda, já que o lado do valor carrega uma parcela de maior importância com o lado da cara, que é apenas a marca do dinheiro em vigência, seja real, dólar ou euro.

Somente quando encontrarmos uma resposta satisfatória para a pergunta sobre Bilac, conjuntamente com a análise dos poemas, trovas e provérbios, é que estaremos aptos a responder as três questões expostas mais acima.

Mas antes de entrarmos propriamente na análise dos poemas e afins, cabe uma explicação da outra face menos visível da saudade, embora mais sentida. Acima e ao longo do trabalho trato a saudade como uma categoria de sentimento própria da nossa sociedade. Mas o que não percebemos é que a saudade também pode ser estudada e entendida como uma outra categoria; categoria que todo aprendiz de sociólogo entra em contato nos cursos introdutórios de sociologia. Categoria que Émile Durkheim, e toda sua escola, disse ser uma categoria essencial para o bom entendimento da sociedade e do homem enquanto fenômeno social: a categoria tempo.

Ao estudar o tempo como categoria sociológica, meu olhar deixa de ser “literário” e passa a ser mais teórico, mais preocupado com a definição da saudade enquanto expressão específica de tempo. Um tempo, de fato, como irei demonstrar, paralelo à concepção de duração baseada na mensuração (calendários, relógios, etc...). Ou seja, minha questão será saber como o tempo moderno é sentido pela saudade, isto é, como lembranças de acontecimentos descontínuos, mas de extremo valor para o indivíduo que o vivencia e recorda, são traduzidas por meio da saudade.

Para se compreender o que foi dito nesta introdução acerca da categoria saudade, é necessário que passemos pela categoria tempo visto pelo prisma antropológico. Somente assim poderemos entender porque a saudade pode ser compreendida como uma forma específica de expressão do tempo.

O trabalho está dividido em três capítulos. Temos antes disso a introdução, onde apresento tema, objeto e o material de análise. No primeiro capítulo empenho-me em apresentar o tempo estudado pela antropologia e o tempo da saudade. No segundo é onde começo as análises dos poemas com seus inúmeros desdobramentos. E o terceiro é a conclusão que se divide em dois tópicos; um final que optei por deixar em aberto e uma tentativa de conclusão mais conformes à estrutura do trabalho.